

Velhos amores: a representação dos homossexuais idosos em curtas contemporâneos

Alisson Machado*
Marlon Santa Maria Dias**
Flavi Ferreira Lisboa Filho***

Resumo

*Neste artigo, investigam-se as representações de homossexuais idosos que figuram no cinema contemporâneo, mediante a análise de dois curtas-metragens, um ficcional, *Depois de tudo* (Rafael Saar, 2008), e o outro, um filme-documentário, *Bailão* (Marcelo Caetano, 2009). Buscou-se compreender de que forma esses personagens são construídos nas narrativas e o que essas representações cinematográficas implicam para a construção da democracia e o reconhecimento desses sujeitos. Para debater essas questões, apoiou-se, principalmente, nos pressupostos teóricos de Boaventura de Souza Santos (2007) e Alain Touraine (1998, 2007 e 2009).*

Palavras-chave: *Homossexualidade. Velhice. Cinema. Emancipação social.*

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria. Graduado em Comunicação Social – Jornalismo – pela mesma instituição. Membro do GP Estudos Culturais e Audiovisualidades.

** Graduado em Comunicação Social – Jornalismo – pela Universidade Federal de Santa Maria. Graduando em Letras (Bacharelado) pela mesma instituição. Membro do GP Literatura e História.

*** Doutor em Ciências da Comunicação (linha: Mídias e processos audiovisuais) pela Universidade do Rio dos Sinos. Professor adjunto do Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Pesquisador do GP Estudos culturais e audiovisualidades. (flavilisboa@gmail.com)

Introdução

No sistema capitalista, o trabalhador é aproveitado enquanto ele possui idade e força para nutrir o sistema de produção. Quando chega ao seu limite, à sua incapacidade ou esgotamento, ele é posto de lado. Em sua velhice social, ao deixar de ser um membro ativo da sociedade, “resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade”. (BOSI, 1994, p. 63)

Se por um lado ele ocupa um lugar central e de destaque, por representar a tradição, a experiência e a sabedoria, por outro, ele constitui um empecilho à dominação do homem jovem ou maduro, no apogeu de suas potencialidades. Sua autoridade é tomada como mais figurativa do que propriamente executável. Ele é incapaz de agir perante a grandiosidade e a vitalidade do outro. Seu tempo deve acabar para que outro reine. Seu simbolismo se apaga em suas impotencialidades.

Aos idosos tomados por essa visão, cabe apenas um lugar subalterno e de inferioridade na hierarquia das posições sociais. O patriarcado e o capitalismo parecem repercutir decisivamente nesse lugar inferior delegado aos idosos em nossa sociedade. Por sua vez, a própria lógica do patriarcado opera colocando o idoso em locais/estados de instabilidade social.

O patriarcado, para Castells (1999), dá sinais de que continua vivo no mundo inteiro, incidindo diretamente sobre as representações sociais e o modo como os sujeitos operam socialmente em relações hierárquicas e conflitivas em disputa por poder e legitimidade social. Saffioti (2004) argumenta que, na ordem social patriarcal das relações de gênero, o poder é representado pelo macho, branco, heterossexual, ao que poderíamos acrescentar: e *jovem*.

Que lugar ocupa um homossexual idoso na hierarquia social? Se um idoso, muitas vezes, é tomado como um sujeito subalterno, secundário, problemático, o é duplamente por ser homossexual. Se ainda está implícita a proibição social da fala sobre a sexualidade da “terceira idade”, como enfrentarmos o debate sobre sua sexualidade, quanto mais, de sua homossexualidade?

Para darmos conta dessas questões, propomos uma análise fílmica de dois curtas-metragens, um ficcional, *Depois de tudo*, dirigido por Rafael Saar, em 2008, e um filme documentário, sob a direção de Marcelo Caetano, de 2009. A escolha metodológica sustenta-se na análise fílmica por acreditarmos, assim como Marie (1995, p. 17), que o cinema nos “remete a uma instituição, no sentido jurídico-ideológico, a uma indústria, uma produção significativa e estética, a um conjunto de práticas de

consumo”, estando no filme, produto desta, os primeiros sentidos a que somos apresentados.

Para Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété (2002), a análise fílmica implica um processo de observação, compreensão e de (re)construção de outro objeto que passa pelo crivo da *interpretação*. Assim, “a análise trabalha o filme, no sentido em que ela o faz ‘mover-se’, ou faz se mexerem suas significações, seu impacto” (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2002, p. 12). Como aqui o método de análise se apresenta aberto às interpretações dos sentidos propostos pelas narrativas fílmicas, buscamos demonstrar e interpretar a maneira como no filme são utilizados os elementos narrativos para construir e inscrever na tela a história desses sujeitos.

Ambos os filmes selecionados para a análise tratam de resgatar histórias de vida de homossexuais idosos. No documentário, investiga-se a memória de uma geração de homossexuais reprimidos pelos padrões heteronormativos da sociedade. As histórias dos personagens convergem para uma casa noturna na cidade de São Paulo, onde seus frequentadores viveram suas sexualidades reprimidas pela ditadura e pelo conservadorismo social. O curta de ficção conta a história de um casal de senhores, acostumados com momentos de espera, encontros e despedidas. Na análise aqui proposta, o curta de ficção associado ao documentário serve para demonstrar uma *história particular*, que bem poderia ser verdadeira, daquelas retiradas do documentário. Uma suposição da vida desses indivíduos, complementando, assim, tanto o espaço público, o baile, quanto o espaço doméstico, proporcionado pela ficção.

Sujeitos de si próprio: um debate sobre emancipação

O projetar da democracia e o reconhecimento, de fato, dos indivíduos em sujeitos sociais exige transgressões e rupturas com a linearidade das ações e dos pensamentos. Como indica Santos (2007), *pensar fora da totalidade* é uma atitude necessária para a construção de uma postura que reconheça as múltiplas possibilidades e experiências, localizadas em múltiplos contextos, de ser e estar presente no mundo. O projeto democrático emancipatório, chamado por Santos (2007, p. 24) de *democracia de alta intensidade*, que “demanda a radicalização de subjetividades rebeldes”, dá-nos uma nova luz para a compreensão das relações no campo social.

A democracia não pode mais ser compreendida somente em uma organização macrossocial, distante ou regulatória. O local e, portanto, o pessoal e o subjetivo, que antes pareciam estar distantes das decisões e posicionamentos da esfera democrática, passam também a figurar (e com intensidade) nesse sistema. Essa perspectiva teórica vai ao

encontro das proposições de Martín-Barbero (2003), que demonstra a importância da *ancoragem territorial* das experiências sociais.

É impossível habitarmos o mundo sem localizarmos nossas vivências e temporalidades, seja na corporalidade – (o corpo também é lugar), em alguma territorialidade física determinada –, seja, ainda, nas formas abstratas e subjetivas de encarar nossas inquietações de mundo. A história dos sujeitos é sempre uma história localizada, um “tecido das proximidades e das solidariedades”. (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 59)

Santos (2007) nomeou de “sociologia das emergências” o conjunto de [novos(as)] reflexões, saberes, pensamentos e ações, que propõem uma guinada anticolonialista que busca combater o pensamento hegemônico e propor novas formas de conceber a realidade. Essa perspectiva de pensamento/ação sugere a prática da tradução intercultural e intersocial, negando radicalmente a homogeneização dos sujeitos e suas práticas sociais, que busca produzir “uma enorme quantidade de realidade que não existia antes, [...] uma realidade muito mais rica, ainda muito mais fragmentada, mais caótica”. (SANTOS, 2007, p. 39)

Santos (2007), ao definir as ações praticáveis dessa sociologia, enumera cinco *ecologias* que dão sustentação a essa postura. São elas: ecologia dos saberes, das temporalidades, do reconhecimento, da transescala e das produtividades. Destacamos para esta análise a *ecologia do reconhecimento*, que preconiza a aceitação das diferenças que restam somente após o descarte de todas as hierarquias.

É preciso, neste momento, distinguir dois conceitos fundamentais, que incidem sobre o processo de reconhecimento de identidades outras. O reconhecimento de fato, como aponta Silva (2009), só é existente e eficaz quando assumido pela perspectiva da multiplicidade em oposição à diversidade. Para o autor, a diversidade é uma categoria estática, comparada a um estado solidificado e estéril, enquanto a multiplicidade é quem, de fato, produz, multiplica, transcende, dissemina, espalha, estimulando

[...] em matéria de identidade o inesperado e o arriscado, o inexplorado e o ambíguo, em vez do consensual e do assegurado, do conhecido e do assentado. Favorecer, enfim, toda experimentação que torne difícil o retorno do eu e do nós ao idêntico. (SILVA, 2009, p. 100)

A afirmação de Silva (2009) de que a diversidade reitera o idêntico e de que a multiplicidade estimula a recusa de se fundir a ele, alimentando, assim, as percepções e o reconhecimento daquilo identificado como

“não-eu”, coloca em recusa qualquer argumento ou posicionamento social inclinado para o etnocentrismo ou etnocêntrico. Conforme Rocha (1984), para a percepção do outro é necessário um exercício de relativização. Do contrário, permanece valendo a fórmula “o ‘outro’ é o ‘aquém’ ou o ‘além’, nunca o ‘igual’ ao ‘eu’”. (ROCHA, 1984, p. 12)

Relativizar é perceber o entorno não de forma absoluta, nem tomá-lo a partir de si, pelo contrário, é tomar aquilo que é do outro em relação a ele próprio. A tradução intercultural, apontada acima por Santos (2007), só é possível por meio da relativização, do contrário, o encontro entre culturas, grupos, práticas ou pensamentos se torna inviável. O reconhecimento não se dá anteriormente aos sujeitos, mas, sim, em sua relação:

A verdade está mais no olhar que naquilo que é olhado. Relativizar é não transformar a diferença em hierarquia, em superiores e inferiores ou em bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferença. (ROCHA, 1984, p. 22)

Buscamos construir a ideia de que para que o reconhecimento do outro – minoritário, exótico, excêntrico, ambíguo, oposto, ou apenas diferente – seja alcançado é necessária uma *práxis* emergente, portanto nova, localizada, múltipla e relativa. Mas a quem caberiam essas práticas? Ao indivíduo ou ao sujeito? Em Touraine (1998, 2009), encontramos uma resposta para esse questionamento. Para o autor, o sujeito está ligado à luta, à resistência, ao conflito, enquanto o indivíduo seria tomado com base em normas e regramentos sociais, pessoais e de consumo.

Na relação entre os sujeitos, o reconhecimento do outro somente é possível posteriormente ao seu próprio reconhecimento, do “encontro com ele mesmo, sua consciência em si” (TOURAINÉ, 2009, p. 151). Se, para o autor, ao indivíduo se projetam desejos, fantasias, necessidades particulares, é o sujeito quem “está no cruzamento de princípios gerais e de princípios particulares de conduta”. (TOURAINÉ, 1998, p. 230)

Veronese e Lacerda (2011) percebem, em Touraine (1998), o sujeito como um interpelamento do indivíduo, que culmina em uma relação de embate entre as disposições do indivíduo, em um momento, e as do sujeito, em outro, movido por um processo de busca por referências. Ambos, indivíduo e sujeito, não se anulam, pelo contrário, inter-relacionam-se na personalidade, tomando, quando circunscritos no social, posições efetivamente práticas.

O sujeito assume uma perspectiva questionadora diante da ordem social. Ele reivindica um distanciamento em relação às normas com

os quais se defronta para, antes de tudo, compreendê-las, avaliá-las ou combatê-las. Para Touraine (2009, p. 150), esse distanciamento não representa seu aprisionamento em sua solidão, nem mesmo um tipo de *niilismo*, mas sim a

[...] necessidade de um espaço autônomo para fazer ver e entender suas reivindicações. É necessário afirmar a necessidade desta distância antes de buscar novamente o sujeito, em todos os cantos onde ressoam os apelos à ação.

O reconhecimento de si e a integração entre os sujeitos constituem o caminho para construção de uma democracia eficazmente emancipatória, onde os sujeitos se assumem como produtores de suas histórias, individuais e coletivas, assumindo e enfrentando os riscos que seus posicionamentos deflagram, na transposição das barreiras sociais, tanto físicas quanto simbólicas. Esse parece ser um caminho cuja garantia ainda não está assegurada, mas que é preciso ser trilhado, afinal “só podemos viver juntos com as nossas diferenças se nos reconhecermos mutuamente como Sujeitos”. (TOURAINÉ, 1998, p. 214)

Homossexualidade e envelhecimento

Desenvolvermos reivindicações em prol do reconhecimento das diversas formas de vivência e exercício da sexualidade, tanto para homens quanto para mulheres, ou ainda para sujeitos que estendem essas fronteiras. É dessa maneira que Touraine (2007) define uma perspectiva de legitimarmos o direito à livre expressão da sexualidade como exercício dos direitos sexuais.

Para o referido autor, se aceitamos a ideia de que o sujeito se forma da experiência sexual, entrando em relação com o outro e consigo mesmo, faz-se necessária “a existência de relações sexuais múltiplas, das quais um dos papéis fundamentais é afirmar a autonomia da atividade sexual”. (TOURAINÉ, 2007, p. 192)

Todavia, a ordem patriarcal vigente impõe obstáculos ao direito de expressão dessa sexualidade. O enfrentamento se dá quando as atitudes dos sujeitos ultrapassam as regras estabelecidas pela heteronormatividade que rege nossa sociedade. Em decorrência de ações consideradas *desviantes*, aqueles que fogem às práticas heterossexuais são postos à margem. Nesse grupo incluímos os homossexuais *gays* e lésbicas, os bissexuais, as travestis e os transexuais, cujos comportamentos afetivo-sexuais encontram resistência na sociedade, “por parte de conservadores e não conservadores,

principalmente nos países de tradição religiosa cristã-católica”. (GOHN, 2006, p. 168)

O Brasil insere-se nesse quadro de países que vivem sob a égide de normas dogmáticas cristãs, em que os comportamentos que se afastam dos padrões culturalmente aceitos como normais são rejeitados. É o caso das homossexualidades, que são motivo para piadas e xingamentos.

É insulto chamar o outro de ‘bicha’, ‘puto’ ou ‘viado’. Diferente de insultar negros, que é crime, insultar homossexuais é uma prática recorrente, pois delimita e assegura uma heterossexualidade compulsória que todos deveriam exercer. (PASSAMANI, 2011, p. 27)

Após a efervescência do movimento da contracultura das décadas de 1960 e 1970, quando da proliferação de movimentos sociais que firmavam resistências ao governo ditatorial, houve uma abertura para a discussão sobre as sexualidades. Para Passamani (2011), os estudos sobre a homossexualidade ganharam maior notoriedade após o *boom* representado pela epidemia de HIV-Aids – considerada à época de sua eclosão uma “peste *gay*”. No entanto, esses estudos estavam focados, em sua maioria, em homossexuais de metrópoles ou em homossexualidades públicas. Renegavam-se os diferentes tipos de homossexualidades e suas categorizações, assim como os preconceitos existentes entre os guetos *gays*. É importante atentarmos para o fato de que

[...] os guetos são diversos entre si e são espaços onde aqueles que a sociedade discrimina encontram algum refúgio. Falo dos afeminados, dos promíscuos, dos frívolos, dos *gays* pobres, dos homossexuais negros, dos travestis, ou seja, os discriminados entre os discriminados. (PASSAMANI, 2009, p. 48)

Assim, percebemos que os modos de vida dos homossexuais passaram a ser regidos por padrões estabelecidos como aceitáveis, ou seja, uma homonormatividade que tem o homem jovem como padrão para a figura do homossexual. Essa figura é ressaltada pelo cinema, pela televisão e pela publicidade, auxiliando na manutenção de binarismos de gênero e relacionando a imagem do homossexual idoso à abjeção. (POCAHY, 2011)

Esses indivíduos estão marcados por um duplo estigma, unindo em si dois fatores que maximizam a inferioridade do sujeito: sua velhice e sua “sexualidade em desvio” (MOTA, 2009, p. 27). A discussão que tenta aliar o envelhecimento à homossexualidade, no entanto, não é vasta.

Há dificuldades na busca por autores que abordem em um mesmo trabalho esses dois assuntos, pois, na percepção de Simões (2004), as temáticas

[...] remetem à confluência e ao confronto entre o corpo e a cultura. Pensar sobre ambos leva-nos invariavelmente a considerar as tensões entre a faticidade material do corpo e sua construção social. Quando vistos da perspectiva do desenvolvimento da vida humana à maneira ocidental dominante – isto é, como o movimento do ser corpóreo através do tempo concebido como progressão cronológica rumo à finitude –, envelhecimento e sexualidade tornam-se temas que se excluem mutuamente. (SIMÕES, 2004, p. 416-417)

A corporalidade é um fator relevante para pensarmos a sexualidade. O corpo também opera como demarcação da identidade do sujeito, e as constantes mudanças advindas do envelhecimento podem mexer com a percepção do indivíduo, do seu ser e estar no mundo. Ao olhar-se no espelho, muitos homossexuais idosos já não reconhecem o corpo que veem diante de si, renegando-o profundamente e reforçando seu estado de abjeção.

Em sua pesquisa sobre velhice e homossexualidade, Schope (2005) percebeu, por meio das entrevistas, que os *gays* se preocupam mais do que as lésbicas com o envelhecimento, vendo essa fase de sua vida de forma bastante negativa. Isso se deve, segundo o autor, à importância exagerada que muitos homossexuais dão à beleza e à juventude, tanto em relação aos corpos que lhes atraem quanto à percepção do próprio corpo. (SCHOPE, 2005)

Nos dias atuais, há uma proliferação de espaços de socialização de idosos – bailes, clubes, acampamentos – cujo objetivo é integrar os representantes da chamada “melhor idade”. Esses espaços são ocupados, em sua grande maioria, por homens e mulheres heterossexuais. *Gays* não estão impossibilitados de frequentar esses locais, porém sexualidade deles deve permanecer silenciada.

Desde a juventude, imersos em um ambiente intolerante às diferenças – em especial, as que se referem ao campo sexual –, os homossexuais que hoje estão na velhice *sujeitaram-se* à invisibilidade. A discrição passou a ser requisito básico para os atos desses indivíduos, pois a expressão de seus sentimentos e desejos os tornaria alvos da discriminação da sociedade. Assim, “trancar-se nos limites do ‘armário’ fora, por algumas décadas (era), a única possibilidade reservada aos homossexuais.” (PASSAMANI, 2009, p. 151)

Há uma dificuldade dos homossexuais jovens entenderem quão reprimidos foram os homossexuais idosos, pois,

[...] de certa forma, essas gerações mais jovens estariam vivenciando no contemporâneo um campo de possibilidades mais amplo na vivência de afetos e sexualidades homoeróticas e aproveitando esse maior (embora muitas vezes bastante frágil) espaço de tolerância a expressividades de afetos discordantes de referenciais heteronormativos. (HENNING, 2010, p. 12)

Mas, se hoje há maior tolerância em relação a essas expressões de afeto que fogem à heteronormatividade, por que os *gays* idosos não usufruem esses espaços? Ora, porque pesa-lhes sobre as costas a precariedade do tempo. Ao explicitar alguns exemplos retirados da literatura de ficção, Paiva (2009, p. 197) questiona o lugar ocupado por aqueles velhos que não se enquadram “ao ideal médico-normativo midiático da velhice risonha/dançante e saudável que vemos circular hoje. [...] Seria a velhice homossexual campo fértil para a abjeção?”. Essa abjeção “refere-se a uma posição de degradação, de aviltamento, de desvalorização do sujeito diante do laço social”.

Alguns fatores interferem na depreciação do homossexual velho, dentre elas “o declínio do desejo, a perda da atratividade física e o virtual apagamento como pessoa sexuada”, o que maximiza “o repúdio e o medo generalizados do corpo em degeneração” (SIMÕES, 2004, p. 417). O problema, que num primeiro momento é apenas físico, passa para a esfera do sentimento, trazendo profundos conflitos e desencadeando problemas de ordem emocional.

Quando jovem, esse homossexual idoso encontrava outros parceiros, seja para práticas sexuais, seja para um relacionamento mais sério, mesmo que sob o pacto do silêncio. No entanto, como a sociedade impunha um comportamento heteronormativo, as relações entre os homens costumavam não ser duradouras. Isso fez com que a maioria dos homossexuais chegasse a uma velhice solitária. (SCHOPE, 2005)

Na atualidade, as mudanças corporais advindas com o envelhecimento – as rugas, a calvície, a lentidão dos gestos – afastam os jovens *gays*, que alcunham os mais velhos por apelidos depreciativos. Simões (2004) organiza os *gays* idosos em grupos que são percebidos pelos demais na seguinte distinção: *tias velhas*, *velhos tarados* e *coroas*. O primeiro tipo caracteriza-se por ser o homem bastante feminino, enquanto o segundo seria aquele indivíduo que assedia os mais jovens. Esses dois tipos repelem a atenção dos homossexuais jovens e tornam-se motivo de chacota.

Já o terceiro tipo é o *coroa*,

[...] homem maduro de modos viris, que tem saúde, disposição física, apresentação pessoal e dinheiro suficiente para frequentar alguns espaços do chamado “circuito gay”, encontrar amigos, beber, se divertir e também tentar a sorte no mercado da paquera. (SIMÕES, 2004, p. 420)

Ao homem que não se enquadra neste último tipo resta o lugar da invisibilidade. Duplamente invisíveis, os homossexuais idosos se instalam em lugares marginais e de esquecimento social. Eles carregam duplamente o peso da oposição ao projeto social da heteronormatividade, representam sua ruína e, por isso, merecem o rechaço. Talvez seja mesmo no silêncio e no anonimato que esses sujeitos encontraram, até agora, um abrigo seguro, onde pudessem proteger a si e as suas – nem tão felizes – lembranças.

O curta-metragem dos velhos amores: a representação de um resgate

Selecionamos alguns pontos considerados fundamentais dos curtas-metragens que evidenciam a relação dos homossexuais idosos, tanto com o passo histórico quanto com aquilo que eles vivem no presente. Transcrevemos alguns depoimentos, descrevemos algumas cenas e comentamos os sentidos construídos por elas.

O documentário *Bailão*, dirigido por Marcelo Caetano, abre com um globo espelhado e um fundo de ladrilhos em preto e branco que logo saberemos tratar da pista de dança de uma boate em São Paulo. O documentário não nomeia aqueles que falam. Vemos suas imagens, ouvimos-lhes as vozes e histórias, mas não sabemos de quem se trata, não sabemos os nomes deles. A ideia que temos é de que suas histórias, por não pertencerem a ninguém, devem ser esquecidas, precisam ser esquecidas. Aquele que não é nomeado não existe socialmente. É do nome que se constitui um corpo e sua história. A boate está vazia. Um senhor de cabelos brancos e camisa vermelha arruma a gravata diante do espelho; ele recepcionará os frequentadores da boate, que logo chegarão. Somos apresentados ao lugar, “ABC Bailão”. A câmara movimenta-se por muitos senhores já sentados, outros em pé. A música toca.

A cena troca para outro senhor, entrando em um cinema. Ele dá seu depoimento dizendo, quando de sua juventude, sobre a primeira vez que foi a um cinema e fora abordado por outro homem, que buscava

aproximação. As imagens mostram um cinema praticamente vazio, quando ouvimos-lhe o depoimento:

Foi bom porque eu comecei a perceber que não era eu sozinho no mundo, que tinha interesse por homens, não fui eu a aberração da humanidade e que, sim, existia um núcleo, mas era um núcleo tão escondido [...] que eu teria que procurar quem é.

Seguidos a esse depoimento temos imagens de um banheiro, dos mictórios e das pernas de dois homens sentados, nas poltronas do cinema. As pernas deles se aproximam, construindo a ideia do encontro. Nessa cena e nesse depoimento, temos a contextualização desses personagens, que utilizavam o cinema, bem como os banheiros públicos, para se encontrarem escondido. Ouvimos o depoimento de outro senhor que estava assistindo a um filme:

O namoro começava com a perna. Você encostava a perna na pessoa e sentia que a pessoa queria. Se encostou e a pessoa não tirou é porque não se sentiu incomodado. Mas houve uma época em que o lanterninha pegava você no flagra e jogava a lanterna em cima de você e chamava a polícia.

Esse depoimento demonstra o momento do encontro dos homossexuais no cinema, local escuro que servia para esconder-se ao mesmo tempo em que se procurava um parceiro. Sobre a atuação do lanterninha, fica claro que houve, na história desses personagens, um período de maior repúdio e tentativa de controle sobre suas ações.

A próxima cena abre com homens, em sua maioria idosos, dançando sozinhos ou em duplas, na pista. Alguns estão sentados conversando, outros em pé. A cena corta e abre em outro personagem aparece caminhando pela rua. Ouvimos-lhe o depoimento:

Tudo o que você faz e não é aceito por uma maioria, tudo o que você é, se torna, um rebelde, um insurgente, você não deixa de ter uma característica de revolucionário, de resistente, porque você também tava transformando, né? Você tá mexendo com... Você tá derrubando paredes, não deixa de ser subversivo.

Outro personagem, caminhando pelas ruas, diz:

*[...] a família fica em cima, a sociedade total ficava em cima de você.
[...] Deus que me livre você ser descoberto que era gay. Então, quando*

you found someone that you could mess with, well, it was a very nice encounter.

Esses depoimentos evidenciam tanto o sentimento de insurgência, de rebeldia, de transposição das normas, tornar-se, como aponta Touraine (1998), sujeito de si próprio, quando de fazer insurgir um outro pensamento a respeito do exercício de sexualidade, representado na felicidade de se encontrar um parceiro em um momento que tanto a família quanto a sociedade execrava a homossexualidade como um ato pecaminoso e repugnante.

This liberation, this greater tolerance, for me, came too late. I was raised in a society in which being homosexual was a crime, a sin, a shameful thing, a thing that you didn't talk about, a thing that was embarrassing. So, my desire was hidden, my desire was taught to be hidden only in situations related to marginality, like at night. Night is feminine, you've noticed? Day is masculine. Clear, light, reason, precision. Night is feminine, dark, obscure, indefinite, marginal. So, my desire was taught to be hidden in places like bars at night, dark places, saunas. The types of places, that attract, are places more or less like these environments, this underworld of things like this. My desire was taught to be hidden for this. Like I told you, liberation came too late for me. It doesn't give you a chance to be reeducated. I was taught to be marginal. It doesn't give you a chance to be a kid, now. At 66 years old, it doesn't give you a chance to be a kid. I will continue to be marginal.

Este é, talvez, o depoimento mais importante e problemático do filme: o personagem mostra a maneira com que foi educado, ou melhor, com que educou sua sexualidade, voltando-a para um subgrupo, para um local marginal, já que somente nesses espaços e nessas circunstâncias poderia expressá-lo. O personagem se identifica com a noite, como o feminino, com o indefinido, já que não podia manifestar sua homossexualidade à luz do dia. Este triste depoimento mostra como uma geração inteira foi oprimida pela força patriarcal e heteronormativa da sociedade. Já no fim de sua vida, não há como voltar. Não há recomeço. Jamais deixará de ser alguém marginalizado.

Recebemos outro depoimento:

Life is full of steam, a lot of repression and life turned into a big mess. I want to say, I can't change society, I want to change, I want to know, I want to analyze. Let the f--- go. The clothes were so shiny, those tampons, guys with hair

comprido, festa, festinha, festa de arromba, surubas. Então vamos fazer um grupo de homens que gostem de homens.

Segue, dando sequência, o depoimento de outro personagem que fala sobre a criação do “Grupo Somos de Libertação Sexual”, para debater sobre a homossexualidade e experimentar as possibilidades sexuais:

O ‘Somos’ foi atingindo um gigantismo, um gigantismo, que nem mesmo a gente soube controlar [...]. Dentro disso nós não separávamos sexo de amor. Pode parecer ridículo [...] hoje, mas ao mesmo tempo era amor e era sexo [...]. Nós podíamos trepar com dez por dia, mas nós amamos os dez.

Essas falas mostram a insurgência de novas práticas que levam ao reconhecimento e à valorização, tanto de si próprios quanto do grupo. São práticas de negociação ou mesmo de oposição ao pensamento heteronormativo dominante e, ainda que feitas de forma velada, em suas vivências pessoais, representam sentidos de descoberta e liberdade. A afirmação da homossexualidade por meio do vestir-se, da corporalidade, dos hábitos, do modo de vida ou mesmo da experimentação das possibilidades sexuais, como o sexo grupal, representa as possibilidades encontradas por esses sujeitos de viverem efetivamente sua sexualidade.

Agrupamos os depoimentos seguintes a respeito de como o vírus do HIV-AIDS repercutiu na história dos personagens. As cenas mostradas são feitas na noite, em cores escuras, com carros em movimento, silhuetas sem definição, luzes dos automóveis, construindo um sentido de tristeza e solidão.

Esses grupos tiveram pouco tempo de vida, uns dois anos. E quando a AIDS chegou ela pegou esses grupos completamente desestruturados. Uma comunidade de homossexuais por um lado apavorada e sem ter a quem recorrer ou o que fazer.

[...] houve a volta inicial da culpa, do pecado, do mal-estar, do dedo em riste. Tá vendo, quem mandou você sair e fazer um sexo que não é o natural ou aceito?

Eu sinto muita a perda deles. O Heitor faleceu em janeiro de 1996, quando foi em março, abril, o Coquetel já estava sendo disponibilizado. [...] Ele e outros, com o Zezé, o Reinaldo, o Paulo, Reginaldo. Às vezes eu fico imaginando como é que eles se sentiriam hoje. [...] Com as paradas que têm acontecido. Foram sonhos que eles ajudaram a construir... Naquela época era apenas um sonho. A gente achava que

era impossível. Quando esse sonho começa a se tornar realidade, eles não estão aqui para desfrutar disso.

Esses depoimentos mostram como a AIDS desestabilizou os grupos existentes de homossexuais organizados. Eles insurgiram organizados, mas foram lastimados pelo temor à doença. Novamente, acabaram sendo silenciados, não mais vistos como marginais, mas como vítimas, doentes em razão do pecado. Quando um dos personagens fala, posteriormente, sobre as mudanças trazidas com o tempo, mostra o poder da insurgência, do pensamento de oposição, da rebeldia, pois na época eles não imaginavam possíveis atividades como a *Parada Gay* ou, pelo menos, uma maior visibilidade aos homossexuais. Quando ele fala sobre a ausência dos amigos para ver as transformações, coloca em cena as lembranças e as histórias de muitos homossexuais que viveram infelizes, mentindo e se escondendo para viver, experimentar e demonstrar sua sexualidade, nunca, quem sabe, de maneira digna, como convém a qualquer cidadão.

O filme termina com os frequentadores do bar dançando uma música alegre, até o restar de apenas um casal, visto de cima, dançando abraçados e solitários uma música lenta, definindo a vida dos personagens em encontro, mas, ao mesmo tempo, solidão.

Agora passamos à análise do segundo filme. *Depois de tudo* é um curta-metragem de ficção que narra a história de um casal de homossexuais idosos. O filme inicia-se com um deles, em frente ao fogão, preparando o jantar. A casa é modesta e as cenas evidenciam a simplicidade nas relações entre eles. Ambos são idosos, têm cabelos brancos e rugas no rosto, evidenciadas em uma cena, sinalizando a passagem do tempo, a velhice e a solidão.

Quando o outro homem chega em casa, eles conversam sobre o tempero do alimento, sobre o novo corte de cabelo e sobre o banho que aquele que acabou de chegar precisa tomar. Em outra cena, um deles brinca com um móvel de contas azuis, inferência direta ao filme *A liberdade é azul*, do cineasta polonês Krzysztof Kieslowski. O personagem brinca com as contas coloridas, absorto em suas memórias.

Eles sentam-se em uma cama, abraçados, para assistirem a um filme. Beijam-se, abraçam-se, acariciam um ao outro, felizes. Eles mantêm uma relação sexual. A cena culmina nos dois homens abraçados, beijando-se, vistos de cima, sob as sombras do móvel projetadas sobre eles. Memórias, sonhos, paixão, medo, lembranças, incertezas, a mover-se ao entorno de seus corpos, sob a cabeça deles. A câmera fecha um close de

um beijo e a cena seguinte abre-se enquanto um dorme e o outro acaricia seu amado. Eles dormem abraçados.

Na manhã seguinte, um deles aparece pensativo próximo à janela, mexendo nas flores do parapeito. O outro chega e anuncia que precisa partir. O personagem, próximo à janela, pergunta-lhe pelo retorno, ao qual ele responde: “Não sei, você sabe como são as coisas lá em casa”. Eles param, abraçados, enquanto o que vai partir fala mais uma vez que precisa sair. “Eu sei”, diz o homem que fica com paciência e afeto. Eles trocam um longo abraço e um beijo. Irrompe a voz de Gal Costa em *Lágrimas negras* cantando: “E você, *baby*, vem, vai, vem...”. Aquele que fica sozinho na casa senta-se em uma cadeira próxima à janela, para esperar o tempo passar.

Esse curta-metragem, ficcional, retrata a temática da homossexualidade vivenciada na terceira idade de uma maneira que foge à representação estereotipada dos homossexuais. Moreno (1995), quando analisa a personagem homossexual no cinema brasileiro desde a década de 1920 até a de 1990, aponta que, em sua maioria, os homossexuais foram retratados como marginais, golpistas, ou de forma debochada, exotizada, ou ainda sempre recorrendo ao riso ou a um comportamento socialmente tido como feminino.

Não há notícias de um beijo ou de uma relação sexual, na filmografia nacional, entre dois homens já idosos, proporcionando um sentido de amor ou mesmo união entre os personagens. Embora curta-metragem, a importância do filme está em retratar esses sujeitos, bem como problematizar a história, ao colocar um dos personagens como casado, integrando um modelo de família tradicional.

O cineasta coloca em cena a homossexualidade na velhice como um exercício qualquer da sexualidade dos sujeitos, embora tenha sensibilidade suficiente para, por meio dos recursos citados, construir um ambiente em que fica evidente certa melancolia no sentido de que os personagens vivem um relacionamento secreto, esparso, onde a espera se faz mais presente do que o companheiro.

Conclusão

Neste artigo demonstrou-se um esforço teórico para desenvolver, baseando-se no conceito de Sociologia das Emergências, proposto por Santos (2007), aliado à perspectiva dos Sujeitos, de Touraine (1998), uma reflexão sobre a representação da homossexualidade na velhice, em curtas-metragens do cinema contemporâneo brasileiro. O reconhecimento do outro, como visto, para a construção de uma democracia

emancipatória, só é possível mediante o reconhecimento do sujeito como ator social, capaz de promover mudanças e transformações na sociedade.

As diferenças entre grupos e sujeitos devem ser percebidas não em relação à diversidade cultural, que não problematiza as situações em que estes se encontram, mas, sim, de forma a assumir uma perspectiva que privilegia a multiplicidade dos sujeitos, a polifonia de vozes, sentidos e desejos, as várias possibilidades de viver, ser e perceber-se no mundo.

Pode-se considerar, ao final desta análise, um amadurecimento quanto à representação do homossexual no cinema contemporâneo, mesmo que em relação, ao menos, aos curtas-metragens. Como alerta Santos (2007, p. 32), faz-se necessário “transformar objetos ausentes em objetos presentes”. Ambos os filmes surgem nesta perspectiva de construir e contar a história, seja por meio do filme documental, seja da ficção, de homossexuais idosos, ausentes tanto na crítica social quanto na representação cinematográfica brasileira. Esses personagens não existiam. Foram sujeitos apagados da representação e, com isso, da preocupação social. Nessas representações, suas histórias tornam-se presentes. Fazem conhecer-se. Cobram-nos um posicionamento.

As barreiras do pensamento único, colonialista, machista e patriarcal parecem, aos poucos, estar sendo transpostas. Sujeitos e situações que antes não circulavam, que eram desconhecidos ou estavam escondidos do grande público, hoje figuram tanto nas narrativas cinematográficas quanto no debate social. Novas sensibilidades para as diferentes temáticas sociais surgem, na tentativa de perceber os sujeitos em sua plenitude de serem aquilo que desejarem, afinal, “a diversidade do mundo é inesgotável, não há teoria geral que possa organizar toda essa realidade”. (SANTOS, 2007, p. 39)

Old loves: A representation of gay seniors in contemporary short films

Abstract

*This article investigates the representations of gay seniors appearing in contemporary cinema by reviewing two short films – one fictional, *Depois de tudo* (Rafael Saar, 2008), and the other, a documentary film, *Bailão* (Marcelo Caetano, 2009) – seeking to understand how the characters are constructed in these narratives and what these cinematic representations imply for the construction of democracy and recognition of these subjects. The resulting discussion on these issues was largely supported by the*

theoretical assumptions of Boaventura de Souza Santos (2007) and Alain Touraine (1998, 2007 and 2009).

Keywords: *Homosexuality. Old age. Cinema. Social emancipation.*

Referências

- BAILÃO. Direção: Marcelo Caetano. São Paulo: Paleo TV, 2009 (16 min), color.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1994.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DEPOIS de tudo. Direção: Rafael Saar. Rio de Janeiro: UFF, 2008 (12 min).
- GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 2006.
- HENNING, Carlos Eduardo. Olhares para o conceito de geração: uma etnografia das homossexualidades na adolescência e na velhice na cena GLS da cidade de São Paulo. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 2, Curitiba, 2010. *Anais eletrônicos...* Curitiba: UFPR, 2010. Disponível em: <<http://www.seminariosociologiapolitica.ufpr.br/anais/GT12/Carlos%20Eduardo%20Henning.pdf>>. Acesso em: jan. 2013.
- MARIE, Michel. Introdução. In: AUMONT, Jacques. *A estética do filme*. Campinas: Papirus, 1995. p. 9-14.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Denis de (Org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 57-86.
- MORENO, Antônio do Nascimento. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. 1995. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 1995.
- MOTA, Murilo Peixoto. Homossexualidade e Envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência. *SINAIS*. UFES, Vitória, v.1, n. 6, p. 26-51, dez. 2009.
- PAIVA, Cristian. Corpos/Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. *Revista Bagoas*, Natal, n. 4, p. 191-208, 2009.
- PASSAMANI, Guilherme R. *Na batida da concha: sociabilidades juvenis e homossexualidades reservadas no interior do Rio Grande do Sul*. Santa Maria, RS: Ed. da UFSM, 2011.
- PASSAMANI, Guilherme R. *O arco-íris (des)coberto*. Santa Maria, RS: Ed. da UFSM, 2009.
- POCAHY, Fernando Altair. *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2011.
- ROCHA, Everaldo. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SAFFIOTI, Heleith. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Renovar a crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.

SCHOPE, Robert D. Who's afraid of growing old? Gay and lesbian perceptions of aging. *Journal of Gerontological Social Work*, Iowa, v. 45, n. 4, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, A; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (Org.). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 415-447.

TOURAINE, Alain. *Pensar outramente o discurso interpretativo dominante*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TOURAINE, Alain. *Podemos viver juntos? Iguais ou diferentes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TOURAINE, Alain. *Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas: Papirus, 2002.

VERONESE, Marília Veríssimo; LACERDA, Luiz Felipe Barboza. O sujeito e o indivíduo na perspectiva de Alain Touraine. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 14, p. 419-426, jul./dez. 2011.

Enviado em 15 de março de 2013.

Aceito em 15 de abril de 2013.